



Francisco Ferreira dos Santos: “Temos de Apostar na Qualidade Para Competir Com os Grandes Produtores Mundiais de Algodão”

09/12/22 in AgroNegócios Reading Time: 5 mins read

49
SHARES

[Share on Facebook](#)

[Share on Whatsapp](#)

[Twitter](#) [LinkedIn](#) [Pinterest](#)

A pesar de a sua dimensão ser, actualmente, pouco representativa à escala global, da produção e consumo, a produção algodoeira tem vindo a demonstrar evidentes sinais de evolução ao longo dos últimos anos, embora se veja confrontada, ainda assim, por inúmeros factores adversos, o mais evidente de todos, o escalar da instabilidade provocada pelos ataques terroristas em Cabo Delgado, província com história na produção de algodão.

Nos últimos tempos, o cultivo do algodão tem sido uma actividade segura, devido à garantia do mercado e à melhoria permanente do preço de compra, o que estimula vários produtores moçambicanos a nele apostarem, mesmo apesar da ascensão de novas culturas de rendimento que

disputam o mesmo espaço

No Plano Económico (PE), o presidente da Associação Algodoeira de Moçambique (AMM), Francisco Ferreira dos Santos, olha, em perspectiva, para os desafios deste subsector no curto e médio prazos.

Em que ponto está a indústria algodoeira nacional, actualmente?

Está com um nível de organização cada vez melhor. Por um lado, verificamos que está mais alinhado com o Governo e parceiros, com óptimas perspectivas futuras na produção de um algodão de qualidade, óleos e mesmo biodiesel, e a contribuir para a regeneração dos ecossistemas, integrando outras culturas alimentares e de rendimento no seu sistema de produção.

Por outro, há uma situação que requer uma solução rápida. Temos uma das principais empresas algodoeiras a enfrentar uma crise, por diversos factores internos da mesma e alguns outros conjunturais, e isso tem um enorme impacto em milhares de produtores e nos números globais do subsector.



Quais é que são os grandes desafios que a indústria se depara hoje em dia em Moçambique?

Neste momento, o principal desafio passa por encontrar uma solução para a situação em Cabo Delgado, que é uma região algodoeira histórica, e onde o algodão é a principal fonte de sustento para dezenas de milhares de famílias. Tirando isso, o subsector tem um programa em curso e deve manter-se consistente no seu rumo de evolução por forma a alcançar o sucesso desejado.

Como presidente da Associação Algodoeira de Moçambique, qual é a estratégia que está a ser seguida para maximizar a produção de algodão no País e, por outro lado, minimizar os desafios de que falava?

A estratégia da AAM está enquadrada na agenda global e nos objectivos de desenvolvimento das Nações Unidas. Essa estratégia assenta em três principais pilares: o primeiro é implementar sistemas de produção integrados, capazes de regenerar os ecossistemas e de contribuir para o sequestro do carbono atmosférico, estando neste momento em estudo a produção orgânica. Depois, o segundo, passa também por implementar tecnologia para garantir total rastreabilidade do produto, até à machamba do produtor. Por fim, o terceiro e último pilar assenta em garantir a utilização total dos subprodutos, em particular óleos, bagaços e sabões, incluindo ainda a produção de biodiesel, em alinhamento com o programa do Governo.

Como é que Associação olha para a nova tarifa de comercialização de algodão fixada recentemente pelo Governo?

O preço do algodão-carço para o produtor segue o estabelecido no mercado internacional e a taxa de câmbio. Esta campanha, de 2021/22, contou com um preço extraordinário, tendo o algodão sido uma das culturas com preço mais alto e mais rentáveis do meio rural. Ademais, sendo uma cultura resistente à seca, foi menos fustigada que outras



culturas pelo regime atípico de chuvas desta campanha, o que foi fundamental para garantir um rendimento mínimo para milhares de famílias produtoras.

Como é que o algodão moçambicano está posicionado, termos da sua competitividade nos mercados internacionais desta commodity?

Um dos principais desafios de Moçambique é ter de competir num mercado em desigualdade de circunstâncias. Dados oficiais dos órgãos da tutela, nomeadamente do Comité Consultivo Internacional do Algodão (ICAC) mostram que cerca de 70% do algodão produzido globalmente beneficia de apoios ou subsídios aos seus produtores. Isto promove a produção global, leva ao aumento da oferta e conduz à redução dos

preços internacionais, afectando assim os países que não tenham a mesma capacidade de intervir na cadeia de valor.

“Um dos principais desafios de Moçambique é ter de competir num mercado global em desigualdade de circunstâncias, onde muitos dos produtores recebem subsídios e apoios. Moçambique produz menos de 1% do algodão global. Por isso, acreditamos que a aposta deve passar cada vez mais pela qualidade e em continuar a trabalhar em mecanismos que permitam gerir e compensar a distorção dos mercados provocada pelas principais economias mundiais produtoras de algodão”

— Francisco Ferreira dos Santos

Esses países incluem todos os principais produtores, sem excepção, incluindo a China, os EUA e a Índia. Por exemplo, neste último, um país de base produtiva semelhante à de Moçambique, o algodão beneficia de um forte apoio ao produtor sendo, por isso, uma das culturas mais rentáveis para o agricultor familiar indiano. Também a África Oeste tem vindo a implementar políticas semelhantes, com um impacto extraordinário.

Estes apoios não surgem por filantropia. Surgem apenas porque se justificam, e porque essas economias conseguem recuperar esse investimento no impacto social, na estabilização demográfica e no valor gerado ao longo da cadeia de valor.

Por exemplo, segundo a mesma fonte, em 2019/2020, só os Estados Unidos da América (EUA) disponibilizaram quase 2 mil milhões de dólares de apoio directo ao produtor de algodão. Os EUA não têm sequer indústria têxtil relevante, pelo que imaginamos que esse retorno seja recuperado na indústria da semente, óleos e bagaços, fundamental para a produção animal e alimentação humana.

Moçambique produz menos de 1% do algodão global. Deve apostar, cada vez mais, na nossa opinião, em produzir um produto de qualidade. Para além disso, tem de continuar a trabalhar em mecanismos que permitam gerir e compensar a distorção dos mercados provocada pelas principais economias mundiais produtoras de algodão.



Nos últimos anos, fala-se de algum défice ao nível da indústria algodoeira, nomeadamente ao nível das unidades de processamento a nível nacional. Isso é um problema real ou a capacidade de transformação instalada é suficiente?

Não é uma questão actual essa. Neste momento, Moçambique tem capacidade industrial suficiente e adaptada, capaz de responder ao programa de crescimento desejado pelo subsector.

Texto: Hermenegildo Langa • Fotos: Mariano Silva

Subscreva | Subscribe

DE | diário económico.co.mz

RECEBA A MELHOR INFORMAÇÃO ECONÓMICA SOBRE MOÇAMBIQUE NO SEU EMAIL

Endereço de email *

SUBSCREVA

Tags: algodão Associação Algodoeira de Moçambique comercialização Francisco Ferreira dos Santos Headline moçambique presidente spotlight

Previous Post

WhatsApp Recebe Uma Nova Funcionalidade do Facebook

Next Post

Concurso Para Empreitada de Reabilitação do Edifício de Escritórios

Related Posts



Moçambique Quer Expor Potencialidades Agrícolas na Cimeira da União Africana

24/11/22



Moçambique Prevê Comercializar Cerca de 150 Mil Toneladas de Castanha de Caju

24/11/22



Manica Vai Exportar 400 Toneladas de Lichia Orgânica Para o Mercado Europeu

23/11/22



FENAGRI: “Financiamentos à Agricultura Através da Banca Comercial Não São Viáveis”

18/11/22



Moçambique Quer Promover Desenvolvimento do Sector Agrário até 2030

16/11/22



Cabo Delgado: Presidente da República Pede Retoma da Actividade Agrícola nas Zonas Libertadas

15/11/22





Presidente da República Lança Hoje Campanha Agrícola 2022/2023 em Cabo Delgado

🕒 14/11/22



Tongaat Hulett: Crise na África do Sul “Não Vai Afectar Operações em Moçambique”

🕒 07/11/22



Na Sequência da Guerra na Ucrânia UE Apoia Mais Dez Mil Agricultores Moçambicanos na Produção de Cereais

🕒 04/11/22



Governo Defende Diálogo Entre Açucareira de Xinavane e Comunidades Para Ultrapassar Conflitos

🕒 04/11/22

AGRONEGÓCIOS

Governo Continua à Procura de Estratégias Para Combater a Pesca Ilegal no País

🕒 01/11/22

AGRONEGÓCIOS

FAO: Moçambique Tem Estado a Registrar Melhorias na Segurança Alimentar

🕒 19/10/22

AGRONEGÓCIOS

FAO e UEM Discutiram Melhores Formas Para Garantir Segurança Alimentar No País

🕒 19/10/22

AGRONEGÓCIOS

“Crescimento Previsto Para Agricultura e Indústria Influenciou Orçamento do Estado” – Max Tonela

🕒 17/10/22

AGRONEGÓCIOS

Francisco dos Santos Eleito Presidente do Comité Consultivo Internacional do Algodão

🕒 11/10/22

AGRONEGÓCIOS

Investidos 900 Milhões de Meticais na Pesca e Aquacultura nas Regiões Centro e Norte

🕒 11/10/22

AGRONEGÓCIOS

Governo Decreta Proibição da Captura de Camarão e Caranguejo a Partir de Novembro

🕒 10/10/22

AGRONEGÓCIOS

Moçambique Exportou 80 Mil Toneladas de Feijão-Bóer Para a Índia

🕒 10/10/22

AGRONEGÓCIOS

AGRONEGÓCIOS

Mocambique já Comercializou Cerca
Produtos Agrícolas na Presença
Campanha

05/10/22

Associação dos Industriais do Caju
Elege Gonçalo Correia Como Novo
Presidente

28/09/22

LOAD MORE

Discussion about this post

0 comentários

Ordenar por **Mais antigos**



Adicionar um comentário...

Plug-in de comentários do Facebook

Agenda

DEZ 16/Novembro @ 10:00 - 15/Dezembro @ 17:00

9 Os Fluxos de Fuga e o Chapa de Milão

DEZ 1/Dezembro @ 12:00 - 20/Dezembro @ 12:00

9 Ler é Uma Festa

DEZ 8/Dezembro/2022 @ 8:00 - 10/Janeiro/2023 @ 17:00

9 Chamada de Projectos Para as Artes Performativas

DEZ 8:30 - 11:00

9 Workshop Sobre Boas Práticas de Governação Corporativa

DEZ 12:00

9 VI Festival Distrital de Cajú

Ver Calendário

Newsletter

Receba as Notícias do Dia no Seu Email

Subscreva para receber as Notícias do dia na sua caixa de correio

About

O Diário Económico é o primeiro portal de Economia e Negócios feito em Moçambique.